

Um só salário mínimo: Cr\$ 97 mil

O Presidente da República assinou ontem decreto unificando o salário mínimo em todo o país, a partir de primeiro de maio, passando a valer Cr\$ 97 mil 176. Também os trabalhadores menores e aprendizes são beneficiados. (Pág. 8)

NEGOCIAÇÃO-JÁ, A NOVA META

Governo está inclinado ao entendimento

PAGINA 3



O ex-governador Antonio Carlos Magalhães sendo abraçado ontem pelo presidente Figueiredo

Brasília sem anormalidade

Diante da situação na Capital da República, o general Newton Cruz baixou duas resoluções ontem, suspendendo a censura prévia às emissoras de rádio e televisão e a segunda sustando as barreiras aos acessos à cidade. (Página 2)

Oposição não quer comício

Os governadores eleitos pelo PMDB apoiaram a posição do presidente do partido de continuar a luta pelas diretas. Mas, a campanha vai mudar: não será mais concentrada nas ruas (comícios e passeatas) e sim dentro do Congresso. (Página 2)

ACM: Andrezza fará proclamação à Nação

PAGINA 3

Sarney tenta logo diálogo sobre Emenda

PAGINA 3



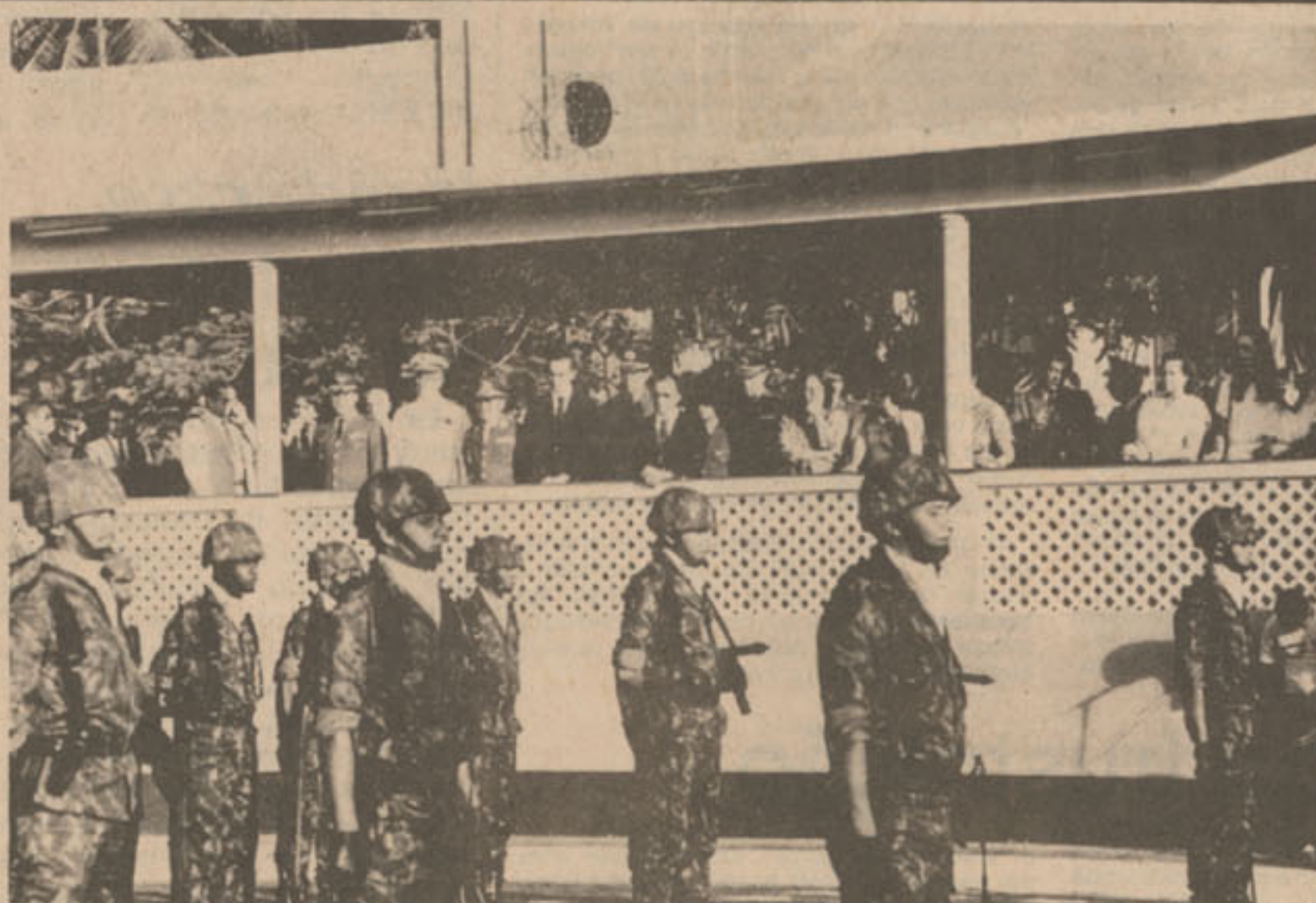
Não será fácil resolver o problema (grave) das encostas de Salvador. Nelas, o povo mais carente constrói suas casas e sempre quando há chuvas fortes o perigo de desabamento aumenta, como está acontecendo ainda agora

Esforço coletivo para recuperar cidade

O prefeito Manoel Castro quer soluções a curto prazo para os problemas das encostas e pede esforço coletivo. (Página 5)

Zé Duarte: linha dura no Bahia e muita luta

Os jogadores não reclamam do novo regime de treinamento implantado pelo técnico. Ao contrário, ganharam até mais motivação. Zé Duarte é taxativo: quem não quiser se empenhar nos exercícios será liberado. Quer muita seriedade. (Página 12)



Autoridades assistem o desfile da tropa da Polícia Militar na homenagem a Tiradentes

Tiradentes homenageado: PM

PAGINA 5

Defensor de marginais é assassinado com 3 tiros

O advogado Geraldo Jorge de Almeida estava desaparecido desde terça-feira. Ontem, o seu cadáver já em decomposição foi encontrado num mata-gal na Mata Escura. Ele era defensor de bandidos. Morreu com três tiros no rosto. (Página 7)



Dorival Caymmi falando aos jornalistas

Caymmi: 70 anos tem justa festa

PAGINAS 5 E 1º DO 2º

Inflação de abril deve ficar entre 8,3 e 9 por cento

Dorival Caymmi: a mestiçagem é um dos segredos de seu tempero

(UMA FESTA PELOS 70 ANOS DO POETA DO MAR)

“O que é que a baiana tem?” abriu-lhe as portas ao sucesso. Nasceu a 24 de junho de 1938, num programa junino da Rádio Tupi. Ary Barroso, nesta época, acertava detalhes com o produtor de cinema Wallace Donway, sobre o filme “Banana da Terra” e apresentou-lhe Caymmi. Sua música foi incluída no filme. Carmem Miranda não conseguia “sentir” o samba e foi Caymmi quem a ensinou todas as bossas inclusive aquele jogo de mãos, que mais tarde a tornaria famosa.

Em 27 de junho de 1953, acabou virando Praça Dorival Caymmi, em Itapuã e ele mesmo conta: “Meus amigos brincaram comigo: não é novidade, o Dorival sempre foi um grande praça... “Mais tarde outra praça com seu nome no Shopping Center. Prêmio Shell, Golfinho de Ouro, Comenda do Governador baiano. A ovação no Circo Massimo na mesma Roma dos Césares e dos pintores da Idade Média, que ele adora.

Para alguns analistas da cultura brasileira talvez estejamos diante do mais puro representante da identidade musical de nosso país, pela força de sua simplicidade, pelo jeito de dizer grandes verdades que não têm explicação. Ninguém cantou a Bahia como este poeta, nascido a 30 de abril de 1914, na rua do Bangala - hoje Luís Gama - em Salvador.

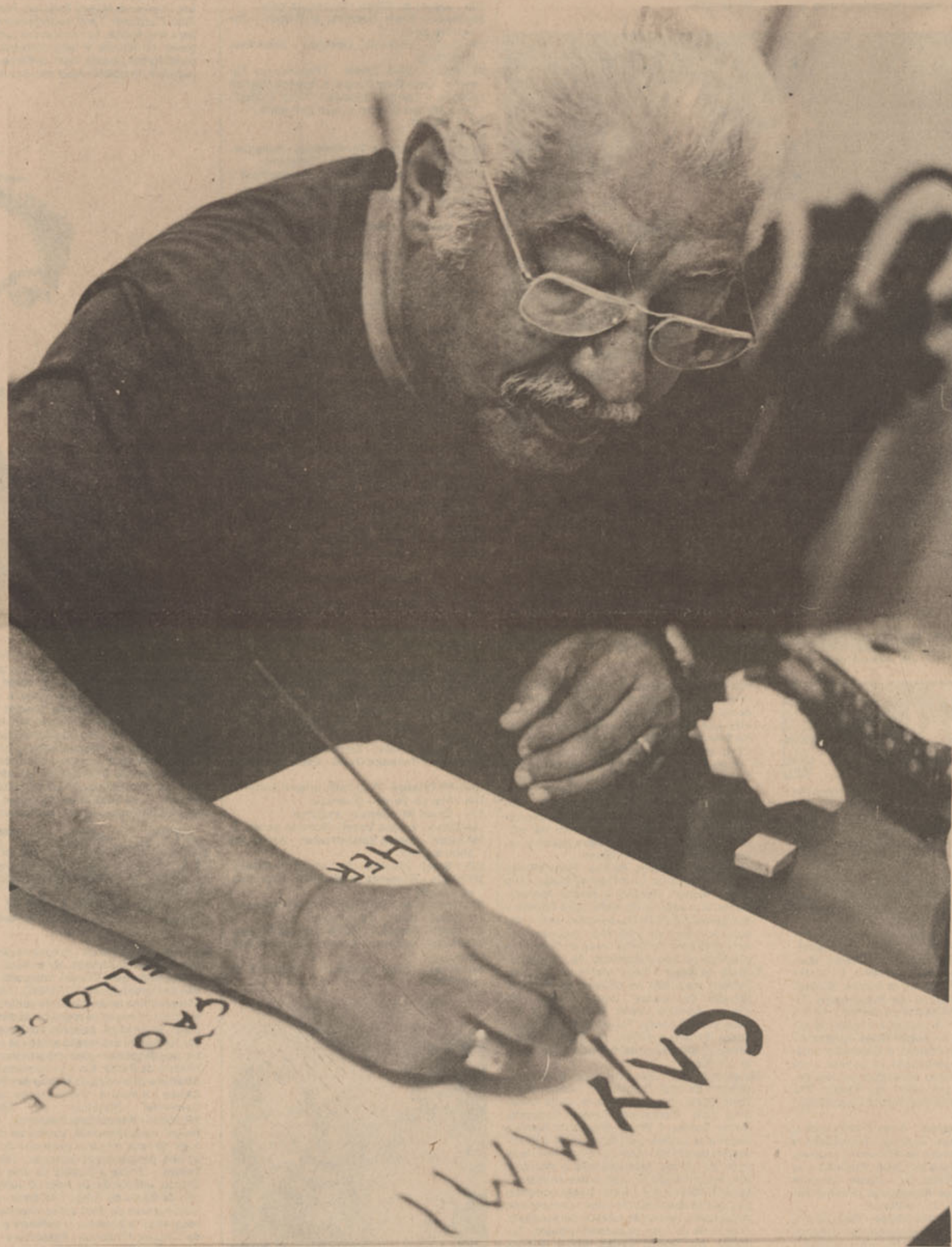
Com a inauguração de um busto, na praça do Shopping que tem o seu nome, Dorival Caymmi será homenageado hoje às 19h. E às 21h no Museu de Arte da Bahia tem a mostra de aquarelas e pinturas de Caymmi. No dia 29, domingo, às 18h, fará um show com a participação de Sônia Braga, Caetano Veloso e Juca Chaves, no Iguatemi, em frente ao Shopping, apresentado por Miele. No espetáculo também estarão artistas locais, como Batatinha e Edil Pacheco.

As comemorações dos 70 anos do compositor Dorival Caymmi — que ele completará no dia 30 — começaram no Rio. Seus três filhos — Nana, Dori e Danilo — realizaram um show na sala Sidney Miller, da Funarte, sob a direção de Tereza Aragão. Depois o espetáculo foi montado no Rio Palace Hotel e, em seguida, será apresentado em algumas capitais. Mas as homenagens não param por aí, já que a Funarte ainda prepara uma exposição dos originais de desenhos do compositor, acrescida de fotos de Loca Faria e, ainda, de dez pranchas do artista uruguaio Sabat, também sobre a figura do aniversariante. Dia 30 na Galeria Rodrigo Mello Franco Andrade, no Rio. A 9 de maio, com a presença de Caymmi, as comemorações dos seus setenta anos serão encerradas, com o lançamento de um álbum duplo “Caymmi ao Vivo”, gravado durante um espetáculo no Teatro Castro Alves, em 1979, que marcou a volta do artista aos palcos, após sete anos de ausência.

“Venham todos, pois é dia de festa do mar e na terra da Bahia: findar de abril, no anúncio de maio, o filho do povo, o bem amado de Iemanjá, completa setenta anos de vida. São setenta anos de poesia, setenta vezes setenta de música e canção, de cumplicidade com o vento, com os pescadores e os peixes, com as lavadeiras do Abaeté”. A convocação escrita por Jorge Amado está no álbum de reproduções de desenhos de Caymmi que será lançado pela Funarte.

ESPONTANEIDADE — Diz Tárk de Souza sobre Caymmi: “Nele a espontaneidade alia-se a uma refinada técnica de quem dirige os acordes do violão para as soluções sempre imprevisíveis, iluminam um pouco a genialidade deste baiano que começou a cantar sua terra no final dos anos 30. Bisneto de um calabrés, Enrico Balbino Caymmi, especialista em elevadores e funiculares que imigrou para Salvador a serviço da parte técnica da construção do Elevador Lacerda, Dorival diz que a mestiçagem é um dos segredos de seu tempero musical. Teve uma avó negra, Salomé, um avô de olhos azuis e um pai ‘amorenado’ que tanto adiou a viagem à Itália para receber a herança do construtor de Lacerda, ‘que a perdeu’. Por isso, Dorival financeiramente nunca esteve muito além da classe média, vivendo hoje de direitos autorais, uma aposentadoria como cantor (em 71) e shows esporádicos, ‘de preferência em viagem porque é mais divertido’. Aos poucos, foi cortando os laços com a sistematização do mercado musical”. “Fiz um contrato em 51 com a TV Tupi, mas já em 52 tinha rompido com esse negócio de exclusividade”. Em 75, proclamou-se “em estado de permanente vagabundagem”, como gosta de dizer, saboreando as palavras. Mas não se recusou a fazer temporada com Gal Costa que dedicou-lhe um Lp inteiro em 76 (“Gal canta Caymmi”).

Essa não foi sua última apresentação pública no Rio. Cantou no 1º de maio do Riocentro de 80 (“o anterior aos das bombas”). Apresentou-se também no Espírito Santo “em 78 ou 79” para uma multidão de jovens que o impressionou. “Eles não me deixavam cantar, cantavam minhas músicas por mim”. Compara o melo musical atual



com uma desvantagem (“muita disputa”) e uma superioridade (“há mercado para muito mais gente, qualquer um grava um compacto”) em relação ao seu tempo. Mas, logo entra um denominador: “Já naquela época lutávamos contra os enlatados que vêm pratinhos do exterior e ocupam nosso espaço”.

REVISÃO — a música de Caymmi, porém, sempre esteve a salvo de modismos ou ciclos epidêmicos de influência estrangeira. No show, Caymmi fez uma revisão quase didática, com o auxílio de pedidos da plateia de sua obra abrangente. Dos sambas-canções cariocas (“Fim de Semana em Copacabana”, “Nem Eu”, “Não tem Solução”) aos pontos de terceiro (“Mãe Menininha”) ou cantigas de retirante (“Peguei um Ita no Norte”,

“Fiz uma Viagem”). No “Acalanto”, a platéia pede a intervenção da filha Nana Caymmi, que de sua cadeira protesta como se estivesse em casa: “Eu estou aqui com o filho de Ana Terra dormindo no meu colo”. (Depois ela admitiria que também estava como expectadora do pai. “Em casa ele não canta de jeito nenhum. Só ensaiou esse show na véspera e, mesmo assim, na sala onde estávamos jogando birlita”).

Mas Caymmi canta também pequenas áreas como a densa “Lagoa do Abaeté” ou a multiforme “Suite dos Pescadores”, que incorpora desde marcha-rancho até incelença, forma musical de oratória pelos mortos no Nordeste. As canções praias (canta também “Milagre”) não ocupam um lugar especial no repertório de Caymmi por acaso. Ele recorda:

— Fui criado no distrito de Santana,

que nos anos 10 (eu nasci em 40) em Salvador, uma Salvador ainda pequenina estava para a cidade, assim como Botofogo está para o Centro. Por problemas de saúde (ela precisava de ar salitrado), minha tia Maria da Piedade foi morar no Rio Vermelho. Até hoje me lembro da emoção de ver o mar da sua janela, a distância, assim de um quarteirão. Ainda tenho por hábito caminhar pela beira da praia quando quero ficar sozinho comigo mesmo, entregue a meus devaneios.

ROTINA — Sem nunca ter sido um esportista, na década de 60 Caymmi faz três anos de permanência numa escuna ancorada em Salvador (“ia de manhã e voltava de noite”). Hoje sua rotina é a de um homem que não depende do trabalho, regrado, mas se mantém ocupado, no Calçadão da

praia de Copacabana onde mora. Curte os seis netos dos filhos Dori, Danilo e Nana (Dinair), observa se alguns deles tem inclinação musical como descobriu nos descendentes, atualmente todos estabilizados com carreiras próprias.

Conta Caymmi: “No começo, a primeira reação da gente é não querer para os filhos os percalços da nossa profissão. Eu, por exemplo, sempre vivi de bico como aquele personagem de Jô Soares. Tinha a rádio que era o emprego fixo, o cachê dos espetáculos uma coisa variável e o direito autoral. Mas quando senti que meus filhos eram dotados de musicalidade, matriculei-os em escolas de música. Só a Nana pulou fora, porque achou mais fácil cantar. Mas o Dori e o Danilo hoje, lêem e escrevem música, coisa que não sei fazer. Todos se apresentam para o público e o público é muito exigente, de maneira que cada um aprendeu por si. Hoje, observando a rotação cósmica da vida, já não sei se descendo de meus filhos ou eles é que são meus descendentes”.

INSPIRAÇÕES — Conta Sérgio Augusto: “Dariam um livro as histórias de suas inspirações. ‘É doce morrer no mar’, por exemplo, nasceu de uma frase do romance ‘Mar Morto’, do seu padrinho de casamento, Jorge Amado. Maracangalha é um lugarejo do Recôncavo, que um amigo do compositor transformou numa Pasárgada baiana. ‘A palavra me pegou pela sonoridade: Ma-ra-can-ga-lha, uma beleza, né? Parti dela pro resto. Imaginei um lugar bonito, aonde o homem vai de branco e chapéu de palha, mesmo que a mulher não queira ir’. Dora, a rainha do frevo e do maracatu, foi uma exímia passista que viu passar em frente ao Grande Hotel do Recife, em 1942, numa inesquecível noite de fossa, provocada pela ausência de Stella. Dos queixumes do Menino Dori (“Tinha uns dois anos”), que quando emburrava só dizia ‘Tô de mal’, Caymmi criou (“de trás para frente”) o lânguido Marina”.

“João Valentão existiu de fato, numa rústica vila de pescadores de Itapuã, por volta de 1932. Caymmi, então com 17 anos, jamais soube seu verdadeiro nome. ‘Era um homem muito forte, bonito e corajoso, conhecido pelo apelido de Carapeba, que é um peixe da região. Só falava de pescaria profissionalmente, em tamanho e tipo de anzol, aquelas coisas técnicas. Era insensível às histórias de sereias e às belezas da natureza, o que me deixou intrigado, frustrado mesmo’. Através de um samba em dois tempos, Caymmi regenerou o personagem. Na letra de ‘João Valentão’, o duro e brigão pescador afinal se rendia ao sol que se põe lá no fim do mundo e aos dengos de uma morena querendo agradar.

Dengosa, Maracangalha, mole, bole, formosa, prosa, tô de mal — a descoberta de certas palavras ou expressões coloquiais provoca nele arrepios sensuais. “O cafusa da ‘Dora’ foi um achado”, lembra com o entusiasmo de quem acaba de achá-la. Com músicas alheias é a mesma coisa. Não tem vergonha de confessar sua inveja por não ser o autor de alguns clássicos do nosso cancionário, como “Linda Flor” (de Henrique Vogeler), “Maria”, de (Ari Barroso), e “No Rancho Fundo”, de Lamartine Babo. Fechando o lote da inveja (benigna, acrescenta-se) uma jóia do contêrraneo Caetano Veloso: “Sem lenço, sem documento”. Sobre tudo pela frase “o Sol nas bancas de revistas me enche de alegria e preguiça”. Pura identificação. Afinal, alegria e preguiça, Caymmi, como todo baiano que se preza, tem de sobra.

“Caymmi não tem época. Ele é específico, é a força vital e a poesia de nossa terra. Caymmi é o denço da Bahia, é a saudade da Bahia, é a tristeza da Bahia, as praias. E o sol” (Carybé, artista plástico)

“Ele representa perfeitamente a idéia que temos da cultura e da sensibilidade baiana. A amizade que não somente eu, mas a Bahia tem com Caymmi, data de muitos anos. A Bahia é Dorival” (Mário Cravo, escultor)

“Caymmi é o repórter e o poeta do mar. Considero-o um dos mais importantes e dignos representantes desta cidade. Homem do povo, com aspirações, temperamento e vivência desse povo. A sua poesia é um canto, é sobretudo um canto de amor” (Genaro de Carvalho, artista plástico)

